

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM CRIANÇAS DE 4/5 ANOS

Eu também posso contar a minha “história”!

Camille S. Vidal¹

**ANGELA DIRCE VIEIRA MAGLIOCCA
DANIELA AMÉLIA MARTINS CONSTANTINO**

¹ Esse título foi tirado de uma situação de observação em que a menina Camille fez um pedido para contar a sua história numa brincadeira com jogos de seqüência lógica.

Do mar agitado à calmaria: buscando traçar uma rota.

Era uma vez... duas estudantes que sonhavam em ser professoras. Para isso, embarcaram numa viagem rumo ao desconhecido, levando com elas sua tripulação – o Grupo G5/6 A...

As considerações aqui descritas emergem devido ao projeto de estágio, desenvolvido na creche Waldemar da Silva Filho em decorrência da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Infantil do curso de Pedagogia/UFSC, no período de 2008/2 e 2009/1. Estágio orientado pela Profa. Moema de Albuquerque Kiehn.

Durante o tempo que estivemos na universidade, fomos subsidiadas pela teoria e nos ousamos num primeiro momento de observação resgatar as tendências mais visíveis que nos permitissem elaborarmos uma proposta de intervenção para crianças na Educação Infantil. Desta forma, vislumbramos um possível trabalho a ser desenvolvido e que agora passa a ser relatado.

Passamos por dois momentos distintos de inserção na creche. O primeiro aconteceu no segundo semestre de 2008 quando fizemos a observação para conhecer a instituição, os profissionais, a rotina e principalmente as crianças. Já em 2009, passamos pelo mesmo processo, mas agora com uma mudança de grupo e conseqüentemente de professores. Esse fato aconteceu devido a passagem de um novo ano letivo. Nesse tempo trabalhamos com alguns indicativos na primeira fase de observação.

Opa! Mas o inconveniente parece nos acompanhar. O grupo que compunha a turma de vinte e cinco crianças ainda não tinha uma auxiliar permanente, prejudicando o desenvolvimento do trabalho da professora. E quando estávamos a desfrutar da observação fomos impedidas de continuar a desenvolver nosso estágio, pois os trabalhadores da Prefeitura de Florianópolis, junto a muitos dos profissionais dessa mesma instituição, acabam por decretar uma greve.

Mas não nos abatemos. Nesse tempo, estávamos a elaborar uma proposta com intencionalidade e desvelo.

Todo fazer pedagógico nasce de um sonho. Sonho que emerge de uma necessidade, de uma *falta* que nos impulsiona na busca de um fazer. Num primeiro movimento desse sonhar pedagógico o ingrediente básico – porque ainda não iniciamos o fazer – é a idealização:

capacidade de imaginar, idear, projetar fantasias, planejar idéias a serem executadas.

(...) Portanto, na concepção democrática de educação, o ato de planejar não é meramente *fabricar* planos; *ele é processo ininterrupto, permanente, cujo desafio é lançar-se na re-elaboração diária de novos, planejamentos*. Neste sentido o ato de planejar é processual, onde avaliação e planejamento constroem o produto. (FREIRE, p. 54 e 57, [grifos do autor])

Procuramos incorporar aos poucos as tendências anunciadas pelas crianças e agregando-as ao projeto. Desejávamos conhecer as crianças, seus espaços, seus brinquedos, seus gostos e desgostos, como a professora organizava seu trabalho, como se estabelecia à rotina, etc. Com a greve o tempo de permanência na creche foi limitado. Tivemos que refazer nosso calendário e isso nos resultou na substituição de uma semana de intervenção em troca da observação – algo que consideramos imprescindível.

Através da observação e da escuta atenta e cuidadosa às crianças, podemos encontrar uma forma de realmente enxergá-la e conhecê-la. Ao fazê-lo, tornamo-nos capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer. Sabemos que, para um observador atento, as crianças dizem muito [...] a observação e a escuta são experiências recíprocas, pois ao observarmos o que as crianças aprendem, nós mesmos aprendemos. (GANDINI; GOLDBERGER, p. 152)

Assim, faz-se necessário à importância do registro de forma a extrair elementos que nos permitam entender como se estabelece a relação com as crianças, entre seus pares² e da instituição como um todo. Nesse permanente processo formulamos o projeto de intervenção intitulado *“Eu também posso contar a minha”história”!*

Agora sim, observação concluída, projeto definido, material pronto – crianças nos aguardam. A primeira semana de intervenção parece fluir quando nos deparamos novamente com outra greve, agora dos trabalhadores do transporte coletivo de Florianópolis. Mais uma vez interrompemos nosso trabalho e (re)organizamos nosso calendário. Até que a greve não se perdura por muito tempo... agora sim podemos seguir viagem...

² Termo utilizado pela autora Faria (2007) para definir as relações entre criança-criança.

Remando contra a maré...

Passado os tormentos iniciais que impediam nossa permanência na creche, chega o nosso tão esperado momento de docência. Como agora as crianças irão nos acolher? Será que vamos dar conta da proposta a que nos submetemos? E os professores, como irão reagir? Chegamos na instituição envolvidas pela ansiedade e com muita vontade. Mas confessamos, não foi fácil. Nossa primeira dificuldade estava em visualizar como aquele grupo se constituía. Fomos ingênuas em pensar que as crianças estariam a todo tempo conosco. Talvez pela nossa falta de experiência e também em pensar que trazendo coisas novas, as crianças permaneceriam mais tempo conosco, participando efetivamente do projeto. Nossa necessidade estava em compreender a criança e o princípio que rege suas ações e para isso era preciso de tempo, pois é este tempo que nos permite a reflexão para que possamos entendê-las.

Numa dada ocasião, realizamos um encontro com a Lisiane, professora da turma; a Letícia, coordenadora pedagógica da creche e a Moema, nossa professora, coordenadora do estágio para tratarmos sobre nossas angústias e dúvidas acerca do exercício docente. Esse foi o momento de esclarecer a professora de turma que era possível sua intervenção junto a nós estagiárias. Também foi esclarecido que a proposta de estágio atual estava embasada pelas relações, longe de especulações denunciatórias e de projetos descolados da realidade do campo de estágio. Nesse encontro falamos sobre as nossas angústias acerca do grupo como um todo, da dificuldade de uni-lo para fazer as atividades, tentando buscar caminhos que nos auxiliem no trato com as crianças e poder entendê-las. Dada a proximidade com o grupo, a professora da turma foi relatando sobre a quantidade de crianças que constituem aquele grupo e que nesse há um agravante, pois embora o grupo seja grande, as crianças não são assíduas e isso faz a diferença para um grupo se constituir como tal e quando todos resolvem comparecer parece que a quantidade de crianças se amplia.

Esse momento foi muito importante para nós, pois nos aproximamos da professora de turma, já que enquanto estávamos com as crianças a atenção estava voltada para elas.

Assim, muitas dificuldades foram sendo superadas por meio de encontros e reuniões seja entre as profissionais da creche, seja entre nós estagiárias e professora coordenadora de estágio. Nessas situações além de serem amenizados nossos medos,

frustrações, incertezas eram também inteiradas nossas afetividades, alegrias, sensibilidade, em todo esse processo formativo.

Desta forma a primeira semana foi incisiva para nos alertar sobre alguns pontos decorrente dos registros e das reuniões, principalmente em relação a constituição do grupo – *quem são essas crianças*:

Criança limpa e bem arrumada, criança suja e descabelada. Criança que gosta de sentir o aconchego do colo, outras já preferem se distanciar. Criança calma e tranqüila. Criança agitada e resistente. Criança falante, criança que se cala. Criança que se nega e criança que se entrega. Criança que agride, mas que também é amorosa. Criança que ri, que chora... crianças, crianças, crianças... Trabalhar nesse contexto cheio de contradição é algo desafiador para um profissional que procura desenvolver um momento significativo tanto para os pequenos quanto para si próprio. (Registro do estágio 2009)

O nosso papel no grupo também havia mudado, deixamos de ter uma relação de camaradagem³, para assumir uma postura de mais responsabilidade frente a essas crianças. Tínhamos que assumir o compromisso de trazer novas experiências e saber impor limites, não de forma autoritária, mas sim estabelecendo uma relação de confiança e amizade. Dessa forma, a nossa identidade como professora foi aos poucos sendo construída com as crianças.

Trabalhar com um grupo prevê que avaliemos nossos princípios, embora nossas ações estejam pautadas no coletivo há que se levar em conta que o grupo se constrói a partir do esforço da tradutibilidade⁴ das diferenças e na aproximação das semelhanças numa busca constante em direção de um espaço democrático. O professor tem que saber mediar as relações para que possam ser trabalhadas pelo grupo. De acordo com Madalena Freire (1993, p. 68) “Vida de grupo dá muito trabalho e muito prazer. Porque eu não construo nada sozinho, tropeço a cada instante com os limites do outro e os meus próprios, na construção da vida, do conhecimento, da nossa história”.

Assim, através do período de Estágio na Educação Infantil, vamos descobrindo caminhos pelos quais nos levam a conhecer melhor esse universo em que a criança faz parte, por meio dessa experiência aprendemos a trabalhar em grupo e entender o seu verdadeiro valor.

³ De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1989), a expressão camaradagem significa: “convivência de camaradas; convívio íntimo e ameno; procedimento ou atitude de camarada, de amigo”.

⁴ Ver Boaventura de Souza Santos, 2008.

Surpreendentes viagens, num simples volver de páginas⁵...

A todo o momento utilizamos a *fala* como forma de expressão para comunicar-se com o outro. Mas essa comunicação não acontece sozinha, tendo em vista que ao falarmos damos vida a essa palavra que emite sons. Mas sabemos que por meio de gestos, nosso corpo também fala. Assim a palavra torna-se movimento, movimento que gera imagens, suscita idéias e traduz significado.

Nesse sentido o presente projeto de estágio canalizou suas iniciativas sob o processo da fala, da oralidade. E como senão bastasse encontramos na literatura um refúgio para dar vazão ao conhecimento garantindo aos meninos e meninas se expressarem a sua própria maneira. Para tanto é necessário compreendermos que “A fala (...) não nasce com a criança. A criança nasce com a capacidade de desenvolver a fala. E esta vai sendo construída nas diferentes interações que a criança vai estabelecendo com as pessoas” (SILVA, 2002, p. 82). Sendo assim, esse processo de conhecimento demanda tempo, tempo de escuta, de perceber o outro e seus interesses.

Mediante tal perspectiva nos propomos a levar as crianças a se aventurarem, conhecer novos lugares, trabalhar com suas emoções e sentimentos, descobrindo novas experiências por meio da contação de histórias. Assim, desde o início da nossa intervenção docente desenvolvemos o hábito da Roda de Histórias, pois acreditamos que esse é um momento de estabelecer o contato mais íntimo com as crianças.

A roda de histórias valoriza não só o falar, como também o ouvir; valoriza a palavra. Através das rodas de histórias nós, os adultos, podemos conhecer melhor as crianças, os dramas cotidianos que as afligem e algumas das fantasias que cultivam. Nas rodas de histórias podemos desenvolver formas de crítica construtiva em que as crianças aprendam, umas com as outras e com a nossa orientação, a falar com desenvoltura e a partilhar a riqueza de sua experiência e de sua imaginação. (FOX; GIRRALDELLO, 2006, p. 134)

No entanto, tivemos que criar estratégias para chamar a atenção desse grupo ao qual estávamos inseridas, para que participassem do momento da Roda de Histórias, seja na mobilidade dos espaços ou pela diversidade de formas de exploração da literatura. Como bem salienta Debus:

⁵ Título extraído da obra de MEIRELES, 1984, p. 154.

Na multiplicidade e heterogeneidade com que se compõe o grupo de crianças que freqüentam a creche e a pré-escola, muitas vezes não se consegue a atenção de todos, mas isso não é motivo para abandono do exercício de contar histórias ou descrédito da performance. É o momento, isso sim, de reflexão e tranquilidade para repensar os caminhos trilhados e reelaborar outros. Contar histórias não é algo inato – o repertório é construído aos poucos, como também é aos poucos que se descobre as manhas e artimanhas desse exercício. (DEBUS, 2002)

Desta forma, compor uma Roda de Histórias cativante para as crianças tornou-se o nosso grande desafio. Embora tenha sido difícil no início, pois as crianças, além de serem muitas, desejavam brincar em outros espaços, fomos aos poucos em busca de artifícios que nos ajudassem a chamar a atenção do grupo para esse momento. Buscamos criar ambientes de surpresa e mistério, deixando-as em posição de expectativa e curiosidade. Na medida em que o tempo passava íamos atraindo o grupo pela novidade, seja pela mostra de uma árvore, de uma vela posta no centro de uma roda, uma caixa colorida, um baú de madeira, um quadro branco, um objeto coberto por um pano, o soar de um instrumento. E a Roda de Histórias foi ganhando atmosfera de partilha e de encontro.

O ouvinte confia ao outro (ao contador) o seu tempo. E essa é uma relação delicada. Mas não nos iludamos! Não se trata de um tempo mensurável no relógio. O tempo do imaginário é outro. É um tempo de suspensão (ou de mergulho), em que tudo fica como que parado ou adquire outros contornos.

Ser ouvinte de uma história é assumir uma condição especial. Especial se considerarmos que este é também um momento de revelação. E o que ouvinte espera, do narrador, neste momento, é que haja entre eles uma correspondência direta de emoções e sensações. O ouvinte quer se encantar, quer esquecer-se temporariamente de tudo e penetrar em um território que, a despeito do nome que se dê: fantasia, imaginário, etc., é sempre um entre-lugar. Um espaço etéreo, ainda sem nome fixo ou mesmo um lugar de muitos nomes (a Psicologia certamente tem muitas denominações para ele), construído no momento em que a história aparece como fluxo, mas que fatalmente se extinguirá quando a história acabar. (SISTO, 2006, p.87)

Nesse sentido, estamos sempre contando histórias, seja no ambiente familiar, de trabalho, num grupo de amigos, mas precisamos de disponibilidade e concentração para entender aquilo que o outro nos quer transmitir. Por isso o envolvimento do narrador numa contação de histórias é extremamente importante, pois é pela figura do narrador que a criança será cativada pela narrativa, adquirindo segurança para contar sua própria história, posteriormente. Assim, fomos utilizando várias alternativas para despertar a

curiosidade das crianças, conseguindo muitas vezes garantir o envolvimento e participação de todos.

Procuramos diferentes maneiras de explorar a literatura e utilizamos a poesia como meio de apreciação de mais uma forma de linguagem. Assim, apresentamos as crianças a *Árvore de Poesia*. Na medida em que os dias iam passando a árvore seria “frutificada” pelo uso constante da poesia nos momentos de Roda. A utilização desse recurso na Roda foi uma forma lúdica de apresentar a poesia às crianças, para que fizessem novos usos das palavras.

Nas rimas encontramos estruturas que auxiliam no processo de construção da linguagem oral e escrita, através da repetição de sons. Isso possibilita às crianças brincar com as palavras e ao mesmo tempo enriquecer seu repertório. A linguagem poética é capaz não só de despertar o interesse das crianças, como também de auxiliá-las na aprendizagem e no uso de novos significados. (SEPENTZOGLOU; GIOVANI, 2002, p.98)

Partindo dessa compreensão, acreditamos que a poesia faz emergir imagens que nos tocam e nos sensibilizam por meio da estrutura de linguagem constituída por novos ritmos e sons. É uma linguagem diferente daquela utilizada cotidianamente, assim a importância de trabalhá-la junto às crianças. Nessas ocasiões a *Árvore de Poesia* repercutiu em muitos momentos de descontração e envolvimento.

Trouxemos para roda a *Árvore de Poesia*, contando as crianças que todo dia vamos trazer uma poesia. Perguntamos se as crianças sabiam o que era uma poesia e foi muito engraçada essa ocasião, pois ao verem a árvore as crianças associavam o que observavam em relação a poesia. Diziam:

- *São sementes.* (Rafaelly)

- *São árvores.* (Ingrid)

- *Folhas.* (Wallace)

Então explicamos o que era uma poesia e fizemos a leitura do poema *É sempre Era uma vez*, de Elias José. As crianças gostaram bastante da poesia e por vezes ficavam rindo a medida que íamos fazendo essa leitura. Em seguida, penduramos a poesia em nossa árvore. (Registro do dia 11/05/ 2009)

Entre uma narrativa e outra, com ou sem auxílio do livro a nossa história com o Grupo 5/6A da creche Waldemar ia sendo escrita. No decorrer do estágio fomos penetrando nesse mundo da fantasia e num certo dia trouxemos para compartilhar com as crianças um conto indígena, porque queríamos mostrar que em outras culturas também encontramos outras histórias, envolvendo outras dinâmicas, além do ato de

ouvir. Um pano vermelho foi colocado no chão da sala e sobre este foi posto uma vela acesa. Essa atmosfera criada para narrar o conto indígena foi motivo de apreciação e descoberta por parte das crianças.

Quando as crianças chegaram na sala após o lanche, logo perguntavam o porquê daqueles objetos postos no chão. Pedimos que fizessem a roda e dissemos que o pano vermelho e a vela simbolizavam uma fogueira. Depois que todos estavam sentados na roda, foi iniciado o conto, com a simulação de gestos que foram repetidos pelas crianças. Percebemos que elas se envolveram com a nossa iniciativa, riam enquanto faziam os gestos intercalados entre a narrativa. No final apagaram a vela e alguns se jogaram no pano. (Registro do dia 13/05/ 2009)

As crianças estão sempre envolvidas pelo desejo da descoberta e o cenário por hora organizado, teve essa característica, além da fruição desse imaginário.

Também trouxemos para o grupo um conto africano chamado “O filho do Vento” de Rogério Andrade Barbosa. A princípio seria feito a leitura do livro como estava em nosso planejamento, mas na medida em que o conto ia sendo lido, as crianças ficavam inquietas. Então, optamos em adaptar o conto e fazer a leitura a partir das imagens, resultando num momento muito prazeroso, pois o grupo teve maior concentração e interagiu com a narrativa.

Propomos-nos apresentar histórias de outros povos para que a criança compartilhe de outros hábitos, conheça costumes diferentes daquele o qual ela está familiarizada, buscando conhecer repertórios novos em relação a uma dada cultura. Como enfatiza Busatto,

Ao trazermos (...) histórias de outros povos, não estaremos apenas contribuindo para que a diversidade cultural se torne um fato, mas também apresentando à criança a oportunidade de conhecer aquele povo através do olhar poético que ele lança para a sua realidade. Perceber como ele se articula para produzir significados para a sua existência, qual o valor que ele atribui às manifestações sociais, como ele se percebe e percebe os outros indivíduos na sua comunidade. (BUSATTO, 2003, p.38)

Dessa forma mostramos às crianças que a arte de contar histórias ultrapassa os limites do tempo e do espaço.

E como não falar da nossa terra, de nosso país! Que outras histórias estão guardadas na memória do nosso povo? Foi assim que apresentamos as crianças o folclore local e nacional. Resgatamos pela nossa memória de infância o folclore da ilha de Santa Catarina na criação de uma história baseada nos personagens do Boi-de-

Mamão. Embora tivéssemos feito algumas alterações ao narramos a história, as crianças lembravam-se das cantigas e dos personagens. Para nós o Boi-de-Mamão exalava alegria em nosso tempo de infância, assim como para as crianças que nos deram indícios dos mesmos prazeres, embora tenha sofrido muitas adaptações ao longo dos anos.

Folclore é manifestação de cultura popular, a sua maneira de “sentir, pensar e agir”. Dentro deste princípio, se manifesta a dinâmica do folclore, com espírito de criatividade do povo sempre em ação. Os costumes vão se transformando em face da evolução natural das coisas. As tradições são coisas do passado, objeto de estudos, que antropólogos, etnólogos e sociólogos continuarão a estudar, o passado no presente e o presente no futuro. Dentro desta dinâmica, novos fatos surgirão integrando-se à continuidade da vida. (SOARES, 1979, p.30, [grifos do autor])

Como não queríamos que o Boi-de-Mamão ficasse apenas em nossa memória, adaptamo-la para mostrarmos as crianças. Persistentes na tentativa de apresentar as crianças nosso folclore, mostramos pela figura ilustre de Franklin Cascaes seu trabalho com argila na representação das brincadeiras de seu tempo. De acordo com Fantin,

Resgatar a história dos jogos tradicionais infantis, como representação desta história e desta cultura, pode nos mostrar estilos de vida, maneiras de pensar, sentir e falar e, sobretudo, maneiras de brincar e interagir, configurando-se em presença viva de um passado no presente (FANTIN, 1996 p.72)

Nesse contexto, as crianças também experimentaram a manipulação do material de argila. Esse material arenoso, por hora denominado “*nojento*”, por uma criança, vai aos poucos deslizando sobre os dedos e tocando levemente sobre a massa, seus movimentos vão adquirindo forma e sentido ao que agora estava sendo vivenciado. Os diálogos são travados, as idéias vão emergindo e quando menos esperam a obra esta pronta.



Explorando o material



Mostrando minha obra



Aprendendo com o grupo



Obra: As centopéias

Mas não ficamos por aqui com Cascaes. Através de seus escritos podemos contar sobre a lenda da “Vassoura Bruxólica”, encorajando as crianças a contarem suas histórias assustadoras, além do contributo da professora de sala. Passamos aqui ao relato das histórias assustadoras contadas pelas crianças⁶:

Maráina:

*“-Era uma vez uma bruxa que assustava uma princesa que apareceu dentro do castelo no ar ...que tinha uma pequena sereia no mar... essa bruxa era muito feia ... e depois ela nunca mais voltou.”*⁷

Thiago:

*“- Hô profi! Eu vou pedi pra minha irmã emprestar o cd do Herry Potter que tem uma história muito assustadora...que tu nem consegue dormi a noite...”*⁸

Mariana:

*“- Era uma vez uma bruxa...que morava...e daí ela...todo mundo...todo mundo...daí a princesa tava dormindo...”*⁹

Duda Forrer:

“- Era uma vez uma bruxa malvada que tava indo embora pra casa da princesa pra encontrar o rei...”

Fomos percebendo que essas narrativas traziam muitos elementos construídos em todo processo de estágio, quando remetiam a história do Boi-de-Mamão, Bruxas e também outras referências gestuais.

Através do folclore brasileiro, resgatamos as lendas de algumas regiões do nosso país numa mostra de curtas da Série “Juro que Vi”¹⁰, em uma sessão de cinema na própria instituição.

⁶ Essas histórias foram gravadas e transcritas no Registro de Estágio do dia 13 de maio de 2009.

⁷ A gravação da história contada pela Maráina tinha muita interferência, devido a distância do aparelho e da menina na hora da narração, mas percebe-se que a ela utiliza da princesas, resquícios de outras histórias como “A pequena sereia” e de bruxas assustadoras.

⁸ O Thiago, apesar de não contar nenhuma história lembra-se de um filme que assistiu sobre histórias assustadoras.

⁹ Também houve dificuldade em transcrever a história contada pela menina Mariana, mas percebemos que ela utilizou a referência das histórias que trouxemos sobre o Boi-de-mamão que contava sobre o feitiço jogado por uma bruxa fazendo o Boi-de-Mamão adormecer, além de utilizar seu próprio repertório lúdico.

Todos os procedimentos aqui destacados foram desenvolvidos para provocar as crianças a contarem suas histórias. Mas na medida em que fomos nos aproximando e mantendo um contato mais íntimo com o grupo, íamos percebendo que as crianças a todo instante contam muitas histórias, seja na hora das refeições, nas brincadeiras, em momentos de roda. E quando menos esperamos as crianças sentem-se seguras em confiar-nos suas idéias, pensamentos. Foi assim, que num certo dia, uma caixa de madeira, denominado por nós de Baú de Histórias, foi sendo aberta pelas mãos curiosas das crianças. Ao abrirem iam se deparando com várias imagens dispostas umas sobre as outras. As crianças deram vida às imagens e os acontecimentos eram embalados pelo *Era uma vez...*

Rafaelly:



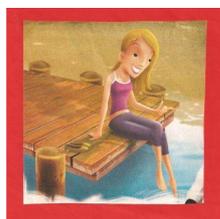
“Era uma vez uma linda menina na praia com a sua mãe. Sua mãe estava contando uma história para ela na praia. Depois estava fazendo um castelo – um castelo de areia para ela. E estava feliz e sua mãe... isso... estavam na praia sempre queriam ir na praia...”

Júlia:



“Duas moças...não uma menina e uma mãe foram pra praia e daí a filha fez um bolo com a mãe e a mãe ficou...ficou toda suja...daí a mãe ia descansar...tomar um banho na praia...daí ela foi deitar...daí ela dormiu e ficaram até a noitinha.”

Ingrid:



“Era uma vez... uma menina sentada na ponte molhando os pés e daí veio um golfinho e daí ela fez carinho nele e depois ela foi pra casa...e daí ela levou os sapatinhos e daí... e foi felizes para sempre.”

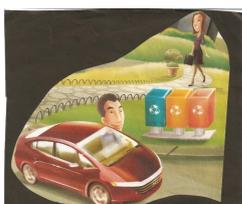
¹⁰ A Série “Juro que Vi” foi produzida pela MULTIRIO (Empresa Municipal de Multimeios da Prefeitura do Rio de Janeiro), era composta pelos filmes: O Curupira - lenda da região do Maranhão, O Boto – lenda da região da Amazônia, Iara – lenda da região da Amazônia e Matina Pereira –lenda da região Norte e Nordeste.

Camile:



“Era uma vez uma mulher que tava sentada num banco e tava molhando o pé na água...daí ela esqueceu o sapatinho e ela colocou o sapatinho e eles viveram felizes para sempre...”

Ingrid:



“Era uma vez uma mulher que tava andando e daí um homem viu ela e daí ele gostou dela...(risadas) e daí ele foi andando pra casa de carro e ela foi pro trabalho e daí ficaram felizes para sempre...”

Júlia:



“Era uma vez...um lobo..ele era muito malvado...comeu uma pessoa e ele foi pra casa dela e morou lá e comeu um monte de comida gostosa que tinha lá...e ficaram felizes para sempre...não felizes para sempre não né... o homem morreu... ele (o lobo) ficou feliz para sempre porque não morreu...”

Thiago:



“Era uma vez um ursinho que ficava na toca...ele nunca saiu da toca...o pai dele disse que não é pra sai da toca porque tinha um bicho grande que andava por aí. Aí ele saiu da toca...aí ele viu um negócio se mexendo...um...um...um bicho que era uma onça...aí ele correu pra casa dele...e ficou trancado e ficou felizes para sempre.”

Duda Forrer:



“ ...Tinha um robô que tava indo pra escola e tava levando a menina e tava pegando a mochila dela pra ir pra casinha.”

Esses relatos nos mostram como as crianças lidam com o seu repertório lúdico, criando uma seqüência na contação de suas histórias. Elas elegem o *Era uma vez* para dar início a sua fala, posteriormente relatam os fatos numa seqüência e para o desfecho final anunciam *Foram felizes para sempre...* Também esse trabalho nos mostrou que o grupo possui grande desenvoltura na transmissão da narrativa devido a familiaridade com histórias. Nesse sentido, nosso projeto contribuiu a esse aspecto, levando diferentes histórias para essas crianças. Além disso, nessa atividade com imagens e também nos livros ilustrados percebíamos que as crianças tinham necessidade de observar essas gravuras e dali extrair seu próprio entendimento das coisas que perpassam o seu mundo.

(...) a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor, como, por exemplo, a imobilidade da ilustração favorece à capacidade de observação e análise. O ritmo da narrativa verbal exige que o leitor atue continuamente para acompanhar a história. A ilustração, ao contrário, pode ser retomada a qualquer momento, pode ser analisada em detalhes e cada retomada pode revelar atmosfera, pontos de vista não vislumbrados, numa primeira contemplação. Assim sendo, a ilustração oferece ao leitor uma rica experiência de cor, forma, perspectivas e significados. (AMARRILHA,1997, p. 41)

Nessa perspectiva, o adulto pode tirar proveito ao explorar as imagens de forma a conhecer melhor a criança e sua compreensão de mundo.

As crianças possuem grande facilidade de assimilar o novo, a descoberta. Elas ingressam por esse caminho e lá ficam extasiadas pela eloqüência do momento. Nas histórias, assim como na brincadeira, a criança retorna sempre ao processo inicial, pois é esse que a faz sentir prazer em experimentar por mais um momento a situação inicial. Benjamim (1994, p.75) diz que “O adulto, ao narrar uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, goza novamente uma felicidade. A criança volta a criar para si o fato vivido, começa mais uma vez do início.” É nesse jogo de “repetição e retorno” que surgem os hábitos, “formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror”, como o próprio Benjamim (1994) destaca.

Num dado momento da nossa intervenção, inesperadamente as crianças nos surpreendem. *Conta outra vez?* Diziam. Mas o contrário também acontecia: *eu quero contar de novo!* E nesse momento fomos pegos pela falta de experiência e pela dificuldade de incluir o enunciado das crianças ao que já estava planejado para aquele tempo, resultando em estratégias que direcionassem a atenção do grupo para a seqüência de proposições que tínhamos organizado. Esses procedimentos por ora

desenvolvidos nos fizeram refletir muito sobre o quanto é preciso avançar em relação à organização das práticas pedagógicas de modo a qualificar aquilo que a criança anuncia no instante do vivido.

De acordo com Ostetto (2000, p. 178) o ato de planejar pressupõe o olhar atento à realidade, depende da visão de mundo, de criança, de educação, de processo educativo que temos e queremos e as escolhas derivam sempre de crenças ou princípios. Todas essas questões estão atreladas a nossa constituição como professoras, repercutindo em certa medida em nosso fazer docente.

Nem tudo são flores: desbravando caminhos...

Fomos percebendo que nem tudo são flores. Ao sairmos desbravando os caminhos com as crianças, o inesperado acontece, precisamos mudar o rumo de nosso barco...

Tínhamos planejado uma visita a um parque florestal, mas não foi possível devido à chuva. E agora, o que fazer? Bem, os planejamentos extras foram formulados, bastávamos colocá-los em prática. No lugar do passeio, fizemos uma troca de sala, com um grupo de mesma faixa etária. Nesse momento, as crianças deram vida ao novo espaço apresentado.

Antes de fazermos a troca de sala, deixamos combinado com o nosso grupo que entregássemos a sala organizada da mesma forma que a nós foi entregue. Assim, nos dirigimos ao novo espaço. Imediatamente as crianças foram se dividindo, pegando os brinquedos da prateleira, rodeando a sala, tocando os livros, se acomodando no tapete. O grupo gostou muito de fazer a troca de sala. Alguns meninos fitaram os olhos na janela observando uma vista da creche diferenciada daquela que estavam acostumados a olharem na sua sala. As meninas brincavam com carrinhos de bonecas e bolsas, em seu mundo de faz de conta. Já outras crianças exploraram os brinquedos de montar.

Um fato curioso aconteceu quando Pedro Augusto nos confidenciou sobre uma preocupação com sua mãe no momento de ir buscá-lo, não o encontrando na sua sala. Confortamos o menino, dizendo para não se preocupar, pois não ficaríamos a tarde toda naquele espaço e logo voltaríamos para nossa sala. Assim, Pedro Augusto sentiu-se mais tranquilo e foi brincar com outros meninos.

Contrariando as nossas expectativas, as crianças não ficavam circulando de uma sala para outra, curiosas para saber o que o outro grupo fazia lá. Pensamos que talvez fosse pelo motivo de quererem explorar da melhor maneira aquele novo espaço. (Registro de estágio, dia 27/05/ 2009)

Essa iniciativa um tanto ousada nos mostrou como as crianças fazem uso indiscriminado do meio que desejam explorar. Numa conversa conjunta com os dois grupos, elas nos relataram que gostaram da proposta e solicitaram que essa troca fosse feita outras vezes. Tivemos o intuito de proporcionar o encontro mais próximo com os dois grupos, tendo em vista que estes eram vizinhos uns dos outros e compartilhavam de um mesmo espaço - o banheiro. Os usos que fizeram do espaço acrescido aos relatos das crianças nos fizeram perceber o quanto essas iniciativas são significativas para os meninos e meninas estreitarem suas relações numa instituição de educação infantil. Embora já conhecessem “os habitantes” daquele território demarcado – sala - tiveram agora oportunidade de explorar os brinquedos e o espaço como um todo.

No estágio também fizemos a menção da Caixa Criativa, ou seja, uma caixa criada para as crianças colocarem seus desenhos para construirmos um livro de histórias. Mas isso não foi possível, pois as crianças se envolviam de uma tal maneira com as atividades que acabávamos não interferindo nos momentos de envolvimento do grupo. Mas nada que nos deixasse naufragar o barco, pois muitas outras aventuras nos esperavam...

Sabendo que a literatura e a brincadeira possuem grandes semelhanças em questão do lúdico, da fantasia, da imaginação, não deixamos o brincar à margem do nosso projeto, tendo em vista sua grande contribuição ao desenvolvimento da criança. Assim, as brincadeiras fizeram parte a todo instante da nossa viagem, proporcionando momentos de encontro e prazer entre as crianças e seus pares, como também entre estas e nós estagiarias. Fomos aos poucos penetrando nesse mundo de fantasia e faz de conta criado pelas crianças, ao mergulharem em suas brincadeiras. Vigotsky (2007, p.109) caracteriza o brincar como uma atividade humana que consiste num desejo que a criança tem e que para satisfazê-lo ela cria um mundo ilusório e imaginário.

Dessa forma, fomos instigadas nos momentos de parque a participar e propor brincadeiras junto as crianças, como *o coelho sai da toca*, *pular corda*, *galinha quer pôr*, *batata quente*, *pega-pega*, entre outras que ora faziam parte do planejamento ora surgiam no desenrolar da interação com o grupo.

E como entendemos o brincar como algo não inato da criança, pois trata-se de uma atividade humana que vem se constituindo histórica e socialmente pelas diversas culturas no decorrer do tempo, trouxemos para enriquecer o repertório de brincadeiras do grupo os Guardas do tesouro, o Bingo dos sons, a cantiga de roda “pinga chuva”.

Proporcionamos também, momentos de pintura com a utilização da tinta guache nas cores preto e branco. As crianças puderam dar suas pinceladas sobre folhas de jornal dispostas em uma lona fixada em uma das paredes da creche. Esse se constituiu em um momento de entrega em que o grupo se mostrava concentrando na sua produção artística. Algumas crianças se deslumbraram na misturas e na descoberta de uma nova cor – o cinza.

Atracamos em um porto e seguimos viagem em nosso Tapete Mágico...

A experiência com a pintura nos fez refletir sobre o quanto esse grupo demonstrou interesse em trabalhar com tinta, nos levando a planejar novamente a utilização desse recurso, contudo procuramos explorar o uso de outros materiais. Entregamos um pedaço de tecido para que as crianças desenhassem sobre o mesmo. Enquanto deslizavam o pincel, iam travando diálogos, compartilhando as tintas, fazendo as misturas. Os mais ousados utilizaram as tintas para pintar as mãos, sentindo a textura, outros misturavam as cores descobrindo outras combinações. O resultado deste trabalho foi a confecção coletiva de nosso Tapete de Histórias, ou *Tapete Mágico*, como bem denominou o menino Vinícius.



Descobrimo as cores...



Momento de criação...



Sentindo a textura da tinta...

Assim, no decorrer de nossa viagem acabamos mudando de transporte. Deixamos nosso barco atracado e subimos no tapete Mágico que nos levou ao encontro do nosso destino. Nesse percurso tivemos a oportunidade de fazermos um planejamento coletivo, agora com a contribuição de novas integrantes – nossas companheiras de estágio. Esse processo foi se configurando de forma a desconstruir alguns conceitos, nos permitindo despir dessa roupagem adulta para penetrarmos num mundo de fantasia e imaginário.

Fomos aos poucos elaborando a apresentação de um teatro, momento este um tanto desafiador. O local destinado a apresentação do teatro ia ganhando forma, não sendo preciso nesse momento delegar nenhuma função, pois trabalhamos juntas dando movimento ao espaço que se mostrava inerte.

Do verde no fundo da parede surgiam nuvens e um arco-íris, da casinha era montado um painel coberto pelos desenhos que os pequenos fizeram na semana de estágio, além de árvores e flores. Uma escada amarela foi coberta pelo verde representando a mata e aí foi posta a piscina cheia de papel picado. Ao fundo da piscina escondemos tubos com bolinhas de sabão. Alguns espaços eram territórios delimitados por balões de diversas cores. Que maravilhoso!!! Sob esta atmosfera criada para fluir a imaginação e exalar o prazer, o teatro inicia. Entre uma fala e outra as crianças ouvem a história adaptada de “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha. (Registro do dia 29/05/09)

Essa prática nos revelou como é possível acreditar numa proposta coletiva na qual as crianças possam desfrutar de um momento rico e prazeroso, como nos mostrou essa experiência. Além disso, tal iniciativa veio de encontro ao nosso projeto com a proposição de alternativas lúdicas envolvendo a contação de histórias. Para nós, todo o processo que passamos na elaboração do teatro foi de fundamental importância, tanto para o estágio, como para nossa formação docente.

Estamos agora no fim de nossa viagem. Precisávamos deixar nossos pequenos companheiros. Seguiremos outra rota, agora sem a companhia dessas crianças que tanto nos ensinaram, mas levaremos conosco a certeza de termos feito parte daquele grupo, no qual compartilhamos experiências inesquecíveis.

*[...] O grupo segue adiante.
O tempo jamais se fará distante
Carregará nas mentes e corações
Lembranças vivas*

Saudades e emoções!

A história não tem fim!

Continuará viva e interessante

*A cada hora, a cada dia, a cada instante!*¹¹

¹¹ Parte de um poema retirado do texto *Ouvindo e fazendo histórias*, de Cristiane Vignardi e Maria H. Domingues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de estágio na qual tivemos a oportunidade de vivenciar na Educação Infantil, se configurou como algo imprescindível a nossa formação docente, pois por meio desta pudemos fazer a relação da teoria com a prática.

Durante esse período em que estivemos inseridas na Creche Waldemar, percebemos o quanto foi importante o diálogo, as discussões, os encontros e as trocas de experiências entre nós, a professora coordenadora de estágio Moema e as profissionais da instituição.

Nesse tempo observamos, registramos, (re)elaboramos nosso Projeto de estágio e nos propomos num curto período fazer uma viagem com as crianças do grupo G5/6A. Percorremos caminhos em busca do conhecimento, de novas experiências, conhecer novos repertórios. Embarcamos juntos nessa viagem, tendo como principal combustível a Literatura e como meio de transporte inicial um Barco, que navegou dos mares agitados à calmaria. Com o tempo mudamos de transporte e subimos no Tapete Mágico, nos levando rumo ao encontro de uma prática coletiva, na qual resultou na apresentação do Teatro.

Com certeza, ficará em nossa memória o registro de toda essa trajetória percorrida, principalmente com o nosso grupo, pois foram elas – as crianças - que deram vigor a nossa prática. Meninos e meninas que aprendem com o olhar, com o movimento, com os gestos e falas expressas por nós, professores. As crianças nos exigem cumplicidade, para que possamos captar o que há de mais excêntrico em seu modo de ser.

Levaremos conosco, a partir dessa vivência, a ousadia e o desafio de estarmos sempre em busca de outras rotas para enriquecermos o cotidiano das crianças na educação infantil.

Agora seguimos em frente! O mar é imenso e o percurso é valioso...

BIBLIOGRAFIA

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as Fadas?** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação.** 4. ed. São Paulo: Editora Summus, 1994.
- BRITO, Teça Alencar. **Música na Educação Infantil.** 2. ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa.** 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003, 2º edição.
- DEBUS, Eliane Santana Dias. **As condições de produção da leitura literária na educação infantil.** Disponível em <<http://www.dobrasdaleitura.com/index.html> > Acesso em 31 março 2009.
- FANTIN, Mônica. **Jogo, brincadeira e cultura na educação infantil.** Florianópolis, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **O espaço como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil.** In: Educação pós-L.D.B. – Rumos e desafios. 6. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.
- FOX, Geoff; GIRALDELLO, Gilka. **A narração de histórias na sala de aula.** In: GIRALDELLO, Gilka. Baús e chaves da narração de histórias. 3. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006.
- FREIRE, Madalena. **Planejamento.** In: FREIRE, Madalena (orgs). Avaliação e planejamento: a prática educativa em questão. Série Seminários, São Paulo s/d.
- GANDINI; GOLDHABER. Lella e Jeanne. **Dois reflexões sobre a documentação.** In: GANDINI; EDWARDS. Lella e Carolyn (orgs.). Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política,** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- SEPENTZOGLO, Árthemis; GIOVANI, Alessandra L. F. **Poesia: a rima no trabalho com a linguagem.** In: Os afazeres na Educação Infantil. Maria Clotilde Rossetti Ferreira (org). 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SILVA, Alma Helena A. **“Roda, roda, roda, pé, pé, pé...”.** In: FERREIRA, Clotilde Russetti Ferreira. Os fazeres na Educação Infantil. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SISTO, Celso. **O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê!)**. In: GIRALDELLO, Gilka. Baús e chaves da narração de histórias. 3. ed. Florianópolis: SESC/SC, 2006.

SOARES, Doralécio. **Folclore Brasileiro- Santa Catarina**. Ministério da Educação e Cultura, secretaria de assuntos culturais, fundação nacional de arte – FUNARTE, Rio de Janeiro, 1979.

VIGNARD; DOMINGUES. Cristiane e Maria H. **Ouvindo e fazendo história**. In: OSTETTO, Luciana E. (org.). Encontros e encantamentos na educação infantil. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

VYGOTSKY, L S. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. In: VYGOTSKY, L S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.